

ARMAZÃO

Director e Editor, Dr. David d'Oliveira

SEMANÁRIO REPUBLICANO

N.º 16 do 1.º Ano

Redacção e Administração, Rua da Liberdade, 94

Guimarães, 15 de Abril de 1923

Comp. e impressão, Empresa de Publicidade—FAFE

A PROPOSITO

Aqueles que no cumprimento de um dever arrostam com a propria morte, aqueles que para salvação da honra sacrificam a propria vida, bem mais merecem do que a indiferença sceptica de quem quer que seja, melhor recompensa dever ter do que as referencias tendenciosamente depreciativas de qualquer escripta; e porque são exemplos de virtude rara e de invulgar magnanimidade mal vai aos pusilanimes, mal vai a todos os que, consciente ou inconscientemente, se arvoram em seus detractores.

Sendo assim, como o querem não só a lógica, mas a propria moral, sendo certo que merece os nossos encomios quem dessa virtude ou dessa magnanimidade der exemplo, que diremos daqueles que dão a vida para inteira salvaguarda da honra de outrem?

Qual o motivo que nos leva a negar a esses que por outrem se sacrificaram os foros de heróis, que por sua abnegação lhes cabem?

E se esses outros por quem eles se sacrificaram fôrmos nós mesmos?

Sim, pois foi em defeza da nossa honra, do nosso brio de portugueses que na batalha do Lys caíram esses que tão pouco ou nada merecem do articulista dos «Ecos». Não é isso?

Qual é então a razão que leva o critico barato a amesquinhar um acto que todos, mesmo os estranhos, inclusivé alemães, tratam de façanha

ou apontam como heroicidade?

Nem sei se de bastardo, se de desbotado de caracter o trate, ao articulista; de infeliz ou irreflectido é que o não tratarei tantas as provas são de que um vil proposito politico o moveu na sua faina insensata e anti-patriotica.

E com isto não se pense que não respeito a opinião dos outros. Respeito e acato a opinião de quem quer que seja, mas para isso é preciso que dêsse meu acatamento me não venha prova de nesciedade e, com franqueza, nescio será ou por nescio deve ser tido aquele que não veja no artigo dos «Ecos» o atrevido e estudado intuito de abocanhar a Republica e esportapear o Exercito.

HÁ UM ANO

A perda do «Lusitania»

Numa carrancuda manhã, aformoseada apenas pelas belas côres que um arco-iris apresentava, a 30 de Março de 1922, elevou-se nos ares de Portugal, donairoso e elegante, um avião em que a Cruz de Cristo — emblema dos portugueses há tantos séculos — se desenhava com traços nitidos.

Como as caravelas que noutras eras partiram de Lisboa para a descoberta de caminhos maritimos que levassem a humanidade ás terras das especiarias assim essa nave aeria se levantou do mesmo local e principiou cortando a imensidade desconhecida e misteriosa, em procura de uma nova rota cujo final seria o continente que Alvares Cabral descobriu.

Raiara o 18 de Abril.

Sereno e majestoso como uma águia, afrontando o tempo inclemente, o «Lusitania» deixava a cidade da Praia e partia para a conquista de uma nova «étapa» em direcção de S. Pedro e S. Paulo, minuculos rochedos com que a natureza bordou o Atlantico — o Mar dos portugueses.

Nada se sabia a respeito de Cabral e Coutinho, os dois audaciosos aviadores que se expunham a todos os perigos pela gloria e bom nome da sua Patria. As horas de intensa commoção e infinda esperança que se viveram em Portugal, outras se sucederam de incerteza e terror. Por fim, após os mais descontraidos boatos que ao coração de todos os portugueses trouxeram a dor e o sofrimento, algo se soube em Portugal sobre a sua sorte.

Os gloriosos descendentes de Vasco da Gama e Alvares Cabral tinham alcançado os Rochedos. Mas aí, o pequeno Lusitania ao tocar as encapeladas ondas que, furiosas, enraivecidas, se elevavam com medonho bramir, ameaçando tudo, fôra por elas ferido de morte.

O seu dever estava cumprido. Então, para morrer gloriosamente no seu campo de honra, para permitir que se poupassem as vidas dos intrepidos capitães que o comandavam, lutava com desespero contra o furor das vagas, gastando nessa peleja formidavel e desigual, as poucas forças que lhe restavam ainda. E o heroico avião, depois de assistir ao salvamento dos dois homens que estavam atestar a valentia da raça portugueza, desapareceu para sempre no seio do Atlantico!...

Num instante, momento unico e grandioso, a imensidade Atlantica cobriu o glorioso avião da Cruz de Cristo com o seu incomensuravel lençol de água — a mortalha do «Lusitania».

E roncando, roncando sempre, como que a protestar contra o auxilio prestado a quem dele escarnecera depois ter vencido os tenebrosos ares, colossal e imponente, o oceano lançava-se com ira sobre o «Republica».

H. C.

MISERAVEIS

O «Ecos de Guimarães», órgão da carolagem local, no seu artigo de fundo do ultimo numero intitulado: «Nove de abril» ultrapassa em peçonha e cretinice toda a expectativa! — O audacioso escrevedor n'um artigo de «ponta e móla» esboçava cegamente a Republica e, não contente, pretende babár todos os que pela Patria se sacrificaram e se bateram.

— Referindo-se aos nossos heroicos soldados diz assim o «Sacristão»: «Cumpriram com o mais rudimentar dos deveres...»

— E' certo que o «Sarna» neste «artigo-rasteira» cobarde e infame, esconde as suas tôrpes insinuações num conjunto que, a muitos, poderia parecer uma homenagem sentida e justa a todos os que se bateram durante a guerra, mas, nas entrelinhas, o sapo revolve-se na lama e pretende com ela salpicar as proprias estrelas! — Num outro ponto do mesmo artigo o «Sem nome» diz: «com bateram com honra, não desmereceram do conceito em que eram tidos os nossos irmãos que a Republica criminosamente quiz sacrificar, mas não vamos ao ponto de ver em cada soldado um heroi e em cada oficial um semi-deus».

— Então foi a Republica que em Africa arrancou traçoicamente a vida dos meus irmãos d'armas e foi também a Republica que classificou de «Vassallos de Inglaterra» todos os da raça que tem como Patria Portugal?!

E, com respeito a «dever e heroismo» diga, «senhõra toupeira», em que campo se bateu que não fosse neste campo miseravel em que se tem feito heroi em estupidéz, calunia e cobardia?! — Quem te autorizou, atrevido intruso, a vir macular com a tua lembrança suja, a memoria dos martires que deram á Patria o melhor de tudo; a Vida?! —

Quem te deu licença, «chá-ga má», de vir, neste dia de silencio e recolhimento, perturbar os que, com a alma ajoelhada, assistiam á consagração dos nossos santos mortos, negando heroismo aos que batendo-se por Portugal amargaram as horas terriveis da maior Guerra, horas infinitas de dôr e martirio, as mesmas horas eternas que devia ter vivido Christo quando, fariseus como tu, nos cerros pedregosos do calvario o pregaram numa Cruz!

A Flandres, o Mâr e a Africa são tres calvarios mais que a tua religião desconhece mas que veem os olhos de todos os que tem a honra sublime de enveigar uma farda! — Onde estão então os heróis e os semi-teuses, rabiscador?! — És tu, sim, o heroi da audacia covarde heroi dos «Ecos de Guimarães», semi-deus da tua religião de pescador de aguas turvas.

O dia nove de abril, troca tintas, não sendo um dia de luto é, no entanto, o dia consagrado aos mortos de Portugal na Grande Guerra. — Todos os portugueses deviam nesse dia esquecer todos os odios para Os lembrar, para, com a alma limpa, evocando-Os, vivermos em nós, por Eles, a hora sublime em que, com a vida, pagaram a immortalidade!

— Mas não é aqui, fustigando-te, embora com generosidade, que eu venho prestar o meu culto ao heroismo, que tu negaste, aos que por Portugal lutaram e morreram. Não. Apenas te quero castigar a audacia e dizer, duma vez para sempre, que não salpica as estrelas a lama que os sapos revolvem. — Espero, no entanto, saber quem és, embora tenha a certeza que não és portuguez e, nesse dia, a biqueira da minha boca, melhor que a minha escripta, saberá castigar o teu atrevimento.

Heitor d'Almeida.

Pobres franciscanos

No numero consagrado aos *Combatentes da Flandres* o «Gil Vicente» mostra bem, como sempre, os seus propositos *patrioticos* e uma completa noção de conhecimentos historicos, que só mandando-os para a *mestra* é que ficaríamos satisfeitos.

Orgão de *meninos e moços*, com tendencias socialistas, o jornal merece bem a pena *brilhante* dos seus escribes, não só porque nêles predomina o requinte da fina educação, mas também pela *beleza* como dizem um certo numero de coisas.

Por exemplo: «*A nossa intervenção na guerra não passou de um negócio. A carne dos nossos soldados foi traficada pelos politicos e pelos negociantes — como carne de gado para o matadouro.*»

Mais: «*A Flandres! Tu ouvirás falar da Espanha, tu ouvirás falar da Africa! E se um dia na lua ingenuidade e paz tiveste a ideia da guerra como fantasma terrivel mas sem realidade, compreendeste acaso o erguer de lanças e chuços contra a fronteira ou a defesa brilhante da gloria colonial!*»

Os dois mil companheiros da princesa Matilde, filha do Rei-conquistador, teriam também compreendido a causa porque levantaram as suas lanças ao lado do leão flamengo?

Não seria um negocio, o embarcar portugueses a bordo do galeão *S. Francisco*, isto no século XVII, para tomarem parte na batalha naval de Dunas, contra os holandeses?

Os 900 portugueses que lá pereceram conheceriam também as causas porque os mandaram ajudar os franceses?

O terço de infantaria sob o comando de D. Francisco Manuel de Melo que fez o desembarque em Dunkerque, conheceria também a origem do seu sacrificio?

Os homens de Gaspar Robles de D. Francisco Melo de Bragança conde de Armamar, D. Alvaro de Melo, D. Manuel Pimentel e D. João Telo de Menezes, que na Flandres mostraram bem a tempera portuguesa teriam ido também para o Matadouro?

Que pobreza franciscana, snrs. do «Gil Vicente». E todavia, isto deu-se tudo durante a vingencia do reinado. Abram a historia, leiam com atenção o que ela nos ensina, e verão que não foi só durante a Grande Guerra que os portugueses estiveram combatendo na Flandres.

Muito antes, desde o começo da nossa nacionalidade, elles para lá foram bater-se pelo direito que era nem mais nem menos que o humanitarismo.

Marcharam sim, mas por um dever de sentimento, que é ainda hoje o mais nobre predicado de uma raça.

Prosa . . . estetica

Primavera na Terra e nas almas!

Apetece beber a luz e, os aromas que óra se cásam, despertam-nos saudades e desejos para a Vida, acordam-nos da catalepsia a vontade, que o frio hipnotisante do inverno fitára e adormecera.

Com o rebentar da folhagem por esses arvoredos, ainda ha pouco descarnados como legiões de esqueletos, as energias vivificam-se, o Homem reage e fortifica, triunfando heroicamente sobre as tóxicas assassinas das grandes apatias, como se a seiva e o sangue se coligassem para um Ressurgimento iniciado com a apresentação d'este programa grandioso: Vida, perfumes, Luz, amor e poesia! . . .

* * *

—O perfume e a Luz casaram-se!

Desabrocham as rosas; nas montanhas as penedias vestem as melhores roupagens de liquenes para a Grande festa. — O grande «Orfeu» domina! — Os rouxinões esculturam com o seu genio a poesia e a docura do ino d'«Aletria», o grande «*Louvor ao Maior*» e, as mais aves, os rios, as noras, os arroços, a erva dos prados acompanham com seus côros o grande cantico.

Tudo, tudo o que existe concorre ao grande cantico com a sua voz. Os «baixos» respondem, acompanhando, com seus Ecos profundos, graves. São as rochas das montanhas. . .

Deus rége e este pandemio de sons produz o ino de *Beleza* que deleita as almas, que lhes mostra a Verdade, que revela o seu genio de maior artista. . .

—Chama-se Primavera o ino.

—O globulo de sangue canta!

O atomo no seu humilde isolamento, na cripta do seu segredo também canta! — A Lama, o escarro, a gangrena e a propria Morte, quem tiver ouvidos ouvirá que cantam também.

—Escutae a sublime *Marselhesa*, oh! grandes revolucionarios, oh! elementos, oh! atomos!

Contemplae a vossa obra imensa da «transformação!» — Escutae o vosso sorriso que se fez dôr, a vossa dôr que se fez gargalhada! — Escutae, sim, a vossa vós se tendes ouvidos para tanto, ou escutae o conjunto, a grande soma de sons, o «ino Maior» e assim escutaeis Deus! — A Primavera é a consciencia em actividade, a grande analyse dentro da síntese imensa. E' preciso escutarmos para nos compreendermos e para O compreendermos. . .

Pirilau.

Cronica Sportiva

Eram, conforme vimos no penultimo numero, calculadas em 8.680.000 as receitas minimas que devia produzir um campo de jogos sportivos, a construir nesta velha cidade de Guimarães.

Vejamos agora a quanto importariam as despesas. Teriamos duas qualidades de despesas: umas que naturalmente se destinariam á construção do campo e que seriam gastas de uma só vez, enquanto que outras, destinadas á conservação e melhoramento do dito campo seriam gastas annualmente.

A umas ou a outras, conforme o contrato, ficaria pertencendo a compra ou aluguer do terreno para o campo.

Era naturalmente muito mais vantajoso, para a sociedade que se constituísse, no caso dela ter capital sufficiente, a compra do dito terreno. Mas nós vamos supor a pior das hipoteses e suponhamos que se fazia o arrendamento do terreno pela quantia de 2.000.000.

Ha a atender a que o vinho que esse terreno produziria, em quasi nada seria prejudicado, pelo que é muito natural que esta importancia se tornasse bastante menor.

Vejamos agora as despesas a fazer de uma só vez!

A remoção de terras seria diminuta, pois que procuraríamos um terreno bastante plano, visto isso nos ser permitido por a verba destinada ao arrendamento ser bastante grande. Calculemos pois para remoção de terras: 1.000.000.

A vedação do campo, seria carissima em virtude do alto preço da madeira de pinho, pelo que, lhe calculemos 4.000.000.

A divisão do campo, marcação e construção de logares reservados, por igual motivo, calculamos em 3.000.000.

A construção de um abarracamento com 4 chuveiros, dois compartimentos para toilet e um para arrecadação, pode calcular-se em 5.000.000.

Gastar-se-hiam também, em compra de alguns materiais indispensaveis em um estabelecimento destes e artigos desportivos: 2.000.000.

Teriamos pois que gastar logo de entrada 15.000.000.

As despesas annuaes, alem dos dois mil escudos de arrendamento, poder-se-hiam calcular aproximadamente assim:

Um empregado encarregado da limpeza e conservação do campo: 2.160.000.

Gerencia e gratificações 1.200.000.

Obras de melhoramento e conservação 600.000.

Pequenas despesas 600.000.

Juro de 7% do capital empregado 1.050.000.

Fundo de reserva (7% do capital empregado) 1.050.000.

Assim teriamos um total maximo de despesas de

Estabelecimento de Fazendas Brancas e Miudezas

DE

Matos, Teixeira & C.^a

86 — Praça de D. Afonso Henriques — 88
GUIMARÃES

FARMACIA NORMAL DE GUIMARÃES

— DE —

Manoel Jesus de Souza

17, Praça D. Afonso Henriques, 20

Laboratorio de produtos quimicos e especialidades farmaceuticas; solutos esterializados, cuidadosamente doseados. Aviamento escrupuloso de receita medico e com produtos escolhidos recebidos directamente do estrangeiro.

GRANDE STOK DE ESPECIALIDADES FARMACEUTICAS.

Posto de socorros: } Mutnalidade Portuguesa
O Trabalho

Oficina de vassouras e escovas de piassaba e espanadores de cabelo

— DE —

Clementino Machado

Mêdêlo — F A F E

Concerta só as vassouras

fabricadas nesta officina

8.660.000, coberto com o total das receitas 8.680.000.

E' natural que estes numeros estejam sujeitos a correções. Mas se as despesas aumentassem, não ha duvida que as receitas aumentariam muitissimo mais. E assim, apesar de sabermos muito bem que provavelmente laboramos em alguns pequenos erros, mas que não farão diferença que se veja, julgamos ter demonstrado á evidencia que tem um bom emprego de capital, economicamente falando, o que se empregar numa sociedade exploradora dum campo de jogos que tão necessario se torna em Guimarães.

No proximo numero continuaremos.

Viriato.

Viriato.

?

P. S.—No passado domingo jogou-se na Atouguia o anunciado desafio de foot-ball entre o team do Victoria e um grupo militar. Abrihantou o desafio a esplendida banda do R. I. n.º 20. Assistiram bastan-

tes centenas de pessoas e entre ellas viam-se muitas e das mais illustres senhoras de Guimarães, que com as suas toilettes davam ao campo um aspecto interessante.

Ambos os grupos jogaram mal. Depois apreciaremos o jogo de um e de outro.

A' maneira pouco decente como se portou parte da assistencia, não fazemos comentarios por estarmos convencidos que factos eguaes não se tornarão a repetir, porque muito pouco provam a favor da boa educação do nosso meio.

«MADRID, 10—Reuniram-se num almoço, a fim de organizar a campanha eleitoral, os elementos directores republicanos. Assistiu D. Afonso de Bourbon, filho do infante D. Sebastião, o qual se filiou no partido.»

Copiamos de «O Seculo».

Fernandes Guimarães & Irmão, Sucessores

RUA DA REPUBLICA, 88 a 92 --- GUIMARÃES

DEPOSITO DA POLVORA DO ESTADO

Vidraria, cristais e louças. Tinta, óleos, vernizes e cimento. Artigos para caçadores.
Grande sortido em serviços de louça, para mesa, chá, café e lavatorio

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Quereis vestir bem e pelos ultimos figurinos? Visitai a

Alfaiataria Progresso da Moda

— DE —

Gaspar Lopes Ribeiro

Rua da Republica, 93 -- 97
GUIMARÃES



Casa das Novidades

Largo da Feira do Leite --- **GUIMARÃES**

Papelaria, tabacaria, perfumarias e miudezas. Grande sortido em postais ilustrados. Musicas para piano e cordas para instrumentos. Caixas de papel com 50 tolhas e 50 envelopes desde 1 a 8 escudos, e muitos outros artigos a preços convidativos.

GUARDASOLARIA VIMARANENSE

Martins, Faria & C.^a, L.^{da}

51, Largo do Prior do Crato, 54 — (Junto ás escadinhas)

Deposito de guardasois e chapéus. Concertam-se os mesmos
Vendas por junto e a retalho

Casa Penhorista Vimaraniense

Fundada em 1880

Propriedade de **PEIXOTO, ROCHA & C.^a**
Legalmente habilitadas

Operações sôbre valores de ouro, prata, platina, pedras preciosas e papeis de cré lito

Rua da Republica, 144 — **GUIMARAES**

Ferragens, Cutelarias e Pentes

DE

A. J. Fereira da Cunha

38, Praça D. Afonso Henriques, 39 (Toural)

Vendas por junto e a retalho

GUIMARÃES

Antiga Casa Alemã

DE

Cardoso & Irmão

GUIMARÃES

Modas e miudezas
Fazendas brancas
LANIFICIOS

Antiga Mercearia e Confeitaria

DA PORTA DA VILA

DE

Antonio de Sousa Guise

Deposito de Vinhos da Companhia Vinicola e Aguas Sameiro

24, Rua da Republica, 28 — **GUIMARAES**

SERRALHERIA MECANICA E CIVIL

— DE —

Antonio Gonçalves Coelho

Vigamentos, cofres, casas fortes, gradeamentos, velos, chumaceiras, tambores, etc.

EXECUTA-SE QUALQUER TRABALHO DE TORNO E FUNDIÇÃO

Largo da Republica do Brazil, 21

"A RAZÃO,"

Semanario Republicano

ASSINATURAS

PUBLICAÇÕES

Semestre. 350 centavos

Anuncios e comunicados, contracto

Numero avulso 20

especial

Ao Cidadão